

AULA 1- TEOLOGIA E SUA RELAÇÃO COM A CIÊNCIA

A investigação teológica se fundamenta em um pressuposto irreduzível: a existência objetiva de Deus como realidade fundamental e causal do mundo. Deus é! A natureza de Deus, seu poder de criação, suas propriedades e atributos, e o modo como interage com a coisa criada são objetos da Teologia¹. Nesse sentido, portanto, como afirma Libânio, a Teologia se ocupa de problemas universais, sendo ela mesma universal, uma vez que não somente as questões que levanta como também as respostas que oferece buscam a compreensão do todo, e não das partes:

A teologia, porém, mantém viva a pergunta pelo todo do ser humano, do mundo, da história. Existe para responder às perguntas da origem, do destino e sentido último da vida para além da morte em nome de uma revelação de Deus².

Teologia é um termo grego, sendo a junção de θεός, *theos*³, “divino, divindade” e λόγος, *logos*, “palavra”, “discurso racional”, “o verbo”. Sua ocorrência é, portanto, muito anterior à fé cristã e aos estudos filosóficos dos doutores da Igreja que buscavam constituir um saber acerca de Deus. De acordo com Christoph Böttigheimer, a teologia pode ser entendida tanto como a palavra *sobre* Deus quanto como a palavra *de* Deus. Nesse último sentido, a teologia era, na Antiguidade grega, a proclamação do divino por meio da

¹Jaime Florez I., em *A Teologia como Logos hermenêuticos do Theos: Aproximação desde suas regras epistemológicas*, sustenta que não há consenso por parte da comunidade científica acerca da definição de teologia. Para o autor, tentar definir teologia já é um fazer teológico. Em linhas gerais, todavia, concorda-se que a teologia como narrativa do divino teve início entre os gregos antigos, e entre filósofos como Platão e Aristóteles tornou-se uma atividade de investigação crítica e reflexão filosófica. FLOREZ I., Jaime. *A Teologia como Logos hermenêuticos do Theos: Aproximação desde suas regras epistemológicas*. *Theol. Xave.*, Bogotá, v.58, n.165, jan./jun. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.org.co>>. Acesso em: 25 jun. 2014.

²LIBÂNIO, João Batista. O lugar da Teologia na sociedade e na universidade do século XXI. In: NEUTZLING, Inácio (Org.). *A Teologia na universidade contemporânea*. São Leopoldo: Ed. da Unisinos, 2004. p.25.

³De acordo com Valcicléia Pereira da Costa, em *O Daimon de Sócrates: conselho divino ou reflexão?*, “A manifestação do divino na literatura grega é expressa basicamente pelos termos: *theoi* e *daimones*. Apesar dos dois termos denominarem o divino, eles são distintos, pois enquanto o *theós* pode manifestar-se enquanto divindade individual, o *daimon* é uma manifestação genérica do divino, não sendo registrado, na cultura grega, nenhum culto específico a ele”. COSTA, Valcicléia Pereira da. *O Daimon de Sócrates: conselho divino ou reflexão?* *Cadernos de Atas da ANPOF*, n. 1, p. 101, 2001.

narrativa mítica e da arte religiosa. Desse modo, os teólogos eram os oráculos, os pregadores dos cultos e os poetas e homens de letras, como Homero e Hesíodo. Homero, p.ex., na *Odisseia* e na *Ilíada*, canta a vida de deuses e semideuses, proclamando as minúcias da relação entre o humano e o sagrado⁴. De acordo com Pierre Hadot, podemos destacar, na Antiguidade, a existência de uma física teológica. A ligação íntima entre *physiologia*, o “discurso sobre a natureza”, e *theologia*, o “discurso sobre o divino”, ou “sobre os deuses”, está presente nas narrativas poéticas antigas, pois estas buscavam contar uma genealogia dos deuses, explicando os fenômenos naturais como expressões do divino⁵.

Como *logos* sobre Deus, tentativa de explicação racional, sistemática e científica do divino, Böttigheimer defende que a teologia teve sua origem não entre oráculos e poetas, mas entre os filósofos do século IVa.C. Os filósofos pré-socráticos almejavam compreender racionalmente a realidade última, o princípio organizador do mundo. Assim, eles empreenderam uma “nova teologia”, de acordo com a qual Deus não é mais o objeto da fé, da crença mítica, mas da investigação racional. *Ele* já não é um ser antropomórfico, pleno de afetos, paixões, interagindo com o mundo de modo arbitrário e passional, mas o princípio ordenador que fundamenta a realidade e que pode ser entendido pela razão

Podemos inferir que os pré-socráticos, em alguma medida, fizeram uma teologia. Todavia, não de modo explícito e intencional. O primeiro filósofo a valer-se do termo como investigação crítica filosófica sobre Deus foi Platão (*República*, II, 379a)⁶. Platão propõe que o conhecimento do divino é fruto da atividade intelectual, e não da fé mítica, tampouco da narrativa poética, e sustenta que o *eidos* de Bem é a realidade última (*República*, 517-c)⁷:

Pois, segundo entendo, no limite do cognoscível é que se avista, a custo, a ideia do Bem; e, uma vez avistada, compreende-se que ela é

⁴BÖTTIGHEIMER, Christoph. *Manual de Teologia Fundamental: A racionalidade da questão de Deus e da revelação*. Tradução Markus A. Hediger. Petrópolis: Vozes, 2014.p. 18.

⁵HADOT, Pierre. *O Véu de Ísis: Ensaio sobre a história da ideia de natureza*. São Paulo: Loyola, 2006.

⁶REALE, G. *História da Filosofia Antiga*. Tradução Henrique Cláudio de Lima Vaz e Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 1995. v. 5, p. 252.

⁷ Para uma análise mais minuciosa de tal questão, ver também: *República*, 506a-e, 508a-e, 509c, 518c, 532c.

para todos a causa de quanto há de justo e belo; que, no mundo visível, foi ela que criou a luz, da qual é senhora; e que, no mundo inteligível, é ela a senhora da verdade e da inteligência, e que é preciso vê-la para se ser sensato na vida particular e pública⁸.

O uso do conceito de teologia como teoria de Deus ou estudo filosófico, crítico, do divino, foi amplamente utilizado por Aristóteles. Para Böttigheimer, a teologia de Aristóteles é a parte de sua filosofia que “trata do ente em seu ser; ela indaga as origens do ser como ente e é a primeira filosofia”⁹, que, posteriormente, seria chamada de metafísica. A teologia em Aristóteles, portanto, seria uma reflexão filosófica da questão do divino enquanto realidade última, fundamental, “aquela ciência que investiga o ser como tal e no todo”¹⁰.

Os textos aristotélicos acerca do Ser enquanto tal, de suas origens e propriedades, constituiria a teologia de Aristóteles. Entretanto, conhecemos tais textos como componentes de sua “metafísica”, nome que, todavia, não foi dado pelo próprio Aristóteles¹¹, conforme Russel¹²: “A teologia de Aristóteles é interessante e se acha estreitamente ligada ao resto de sua metafísica; ‘teologia’, com efeito, é um dos nomes com que nos referimos à metafísica”. No mesmo texto, Russel completa que “o livro que conhecemos por esse nome não foi assim chamado por ele”¹³.

Em sua *História da Filosofia Ocidental*, Russel nos lembra de que, na metafísica de Aristóteles, há três espécies de substâncias: (I) as sensíveis e perecíveis, (II) as sensíveis e imperecíveis, e (III) aquelas que não são nem sensíveis e nem perecíveis. Na primeira classe, entre as coisas que podem ser percebidas pelos sentidos e corrompidas pela ação do tempo, temos vegetais, animais, minerais terrestres *etc.* Na segunda classe, encontram-se entes que não passam por nenhuma mudança qualitativa¹⁴ e que podem ser percebidos

⁸ PLATÃO. *A República*. 9. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007. p. 319.

⁹ BÖTTIGHEIMER, Cristhoph. *Op. cit.* p. 21.

¹⁰ *Idem.* p. 22.

¹¹ Uma das hipóteses mais aceitas é que o termo “metafísica” tenha sido cunhado por Andrônico de Rodes. Este, ao catalogar a obra aristotélica, resolveu chamar de *metatàphysiká* (do grego, μετα, *metà*, que significa “além de”; e Φυσις, *physis*, “natureza/física”) as obras posteriores àquelas catalogadas como sendo tratados de física.

¹² Bertrand Russel (1872-1970), filósofo britânico, Nobel de literatura de 1950.

¹³ RUSSEL, Bertrand. *História da Filosofia Ocidental*. Tradução Breno Silveira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969. p. 194.

¹⁴ Mas são passíveis de movimento; ou seja, podem se deslocar pelo espaço.

pelos sentidos: os corpos celestes. A terceira classe, todavia, é composta por entes imperecíveis e eternos, seres que são, para todo o sempre, tal e qual Deus e a alma racional que anima o homem¹⁵. Desse modo, a teologia nasce e se desenvolve como filosofia do divino, ou discurso crítico, filosófico, acerca de Deus, até que, com o advento do cristianismo, é paulatinamente adotada por este, e, aos poucos, torna-se uma ciência autônoma em relação à filosofia.

TEOLOGIA COMO CIÊNCIA

A definição aristotélica

Podemos responder afirmativamente à questão “É a teologia uma ciência?” a partir do pensamento aristotélico. Aristóteles buscou, em sua filosofia, destacar que não podemos falar de uma ciência, mas de ciências. Tal pluralismo ocorre não somente porque existem diversas ciências, mas porque existem grupos de ciências, cada qual, contendo ciências particulares:

Se tomarmos o termo ‘ciência’ numa acepção ampla, afirma Aristóteles, é possível distinguir três tipos de ciências: as produtivas, as práticas e as teóricas. As ciências produtivas incluem a engenharia e a arquitetura, e disciplinas como a retórica e a dramaturgia, cujos produtos são menos concretos. As ciências práticas são aquelas que guiam os comportamentos, destacando-se entre elas a política e a ética. As ciências teóricas são aquelas que não possuem um objetivo produtivo nem prático, mas que procuram a verdade pela verdade¹⁶.

Desse modo, temos três grupos de ciências: (I) ciências produtivas, (II) ciências práticas e (III) ciências teóricas¹⁷. Podemos considerar que as ciências

¹⁵ RUSSEL, Bertrand. *Op. cit.* p. 194.

¹⁶ KENNY, Anthony. *História Concisa da Filosofia Ocidental*. Tradução Desidério Murcho, Fernando Martinho, Maria José Figueiredo, Pedro Santos e Rui Cabral. *Temas e Debates*, 1999. Disponível em: <http://criticanarede.com/log_fundacao.html>. Acesso em: 3 jul. 2014.

¹⁷ Em *Segundos Analíticos*, 71a 1, no *Organon*, Aristóteles sustenta que existem várias ciências. Em 71b 20, sustenta que o raciocínio científico é aquele que, na posse do mesmo, “sabemos”; ou seja, a ciência nos leva ao saber. Ainda acerca do conhecimento científico, Aristóteles discorre em *Ética a Nicômaco*, Livro VI, 3-8, 1140-b. Tal passagem pode ser consultada em ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Coleção Os Pensadores).

teóricas são as mais elevadas, porque se ocupam fundamentalmente da verdade, não possuindo nenhum objetivo prático ou utilitário. Se a natureza da ciência teórica, portanto, é a compreensão da verdade, quais serão seus objetos? Ou seja, quais ciências pertencerão a tal grupo? De acordo com Anthony Kenny:

[...] a ciência teórica é tripartida. Aristóteles nomeia as suas três divisões: 'física, matemática, teologia'; mas nesta classificação só a matemática é aquilo que parece ser. O termo 'física' designa a filosofia natural ou o estudo da natureza (*physis*); inclui, além das disciplinas que hoje integraríamos no campo da física, a química, a biologia e a psicologia humana e animal. A 'teologia' é, para Aristóteles, o estudo de entidades superiores e acima do ser humano, ou seja, os céus estrelados, bem como todas as divindades que poderão habitá-los¹⁸.

Assim, Aristóteles afirma que física, matemática e teologia, portanto, não somente são ciências, como são as mais elevadas dentre as ciências. Kenny enfatiza que a teologia trata dos entes superiores e das divindades de um modo geral. Todavia, julgamos que é necessário enfatizar que, a nosso ver, a teologia de Aristóteles trata *do* divino enquanto tal, de um deus único, primeiro, causa do mundo, que, como enfatiza Russel, é um ser vivo, "pensamento puro pensando o pensamento puro"¹⁹, eterno e sumamente bom. Dessa maneira, o fundamento do ser enquanto ser é Deus, primeiro motor, motor imóvel, o ser que imprime movimento a todas as coisas: "O princípio, isto é, o primeiro entre os entes, é não-suscetível de movimento, em si mesmo e por concomitância, promove o movimento primeiro e eterno, que é único"²⁰.

Concluimos, portanto, que, tendo Aristóteles como referência, não somente a teologia é ciência, como é a ciência que trata do fundamento último de toda realidade.

¹⁸KENNY, Anthony. *Op. cit.*

¹⁹RUSSEL, Bertrand. *Op. cit.* p. 194.

²⁰ARISTÓTELES. *Metafísica. Cad. Hist. Fil. Ci.*, Campinas, Série 3, v. 15, n. 1, p. 201-221, jan./jun. 2005. 1073a 23.

Outra perspectiva de teologia como ciência

É a teologia uma ciência? Ora, não podemos responder a tal questão sem antes demarcarmos bem o que entendemos por teologia e ciência. Por teologia, para a simplificação de nossos propósitos, entendemos o “estudo crítico, sistemático e rigoroso do divino”, a “investigação acerca de Deus”. Com isso, não esperamos alcançar uma definição satisfatória de “teologia”, que exclua tantas outras definições possíveis, mas apenas estabelecer um ponto de partida para nossa análise.

E ciência? O que será? Antes de tudo, é preciso enfatizar que negamos a possibilidade de uma única resposta, completa e definitiva. Situando tal questão numa perspectiva pluralista, entenderemos que muitas respostas são possíveis. Algumas contraditórias, umas complementares, “estas” aparentemente mais razoáveis que “aquelas”.

O filósofo Karl Popper sustentou haver ao menos três grandes modos de se conceber a natureza científica: (I) ciência como busca pela compreensão da essência do mundo e, portanto, como “descrição verdadeira do mundo”; (II) ciência como instrumento de representação do mundo; e (III) ciência como produção de conjecturas genuínas sobre o mundo²¹.

A nosso ver, em (I), a ciência se fundamenta em dois pressupostos metafísicos: (1) o mundo físico é uma realidade objetiva. O que é ontologicamente fundamental “é o que é”, independente de ser conhecido, percebido ou manejado, e (2) a razão humana pode compreender, explicar e descrever essa realidade tal como ela é. Em (II), a ciência não se compromete em descrever a verdadeira estrutura e o real funcionamento do mundo. Uma teoria científica é uma ferramenta, um instrumento com o qual elaboramos uma imagem do mundo. Essa imagem é fecunda quando concorda com os fatos da experiência e nos permite fazer previsões de eventos físicos e desenvolver técnicas e tecnologias eficientes. Em (III), a ciência se desenvolve *como se* fosse uma descrição verdadeira do mundo. Sabe, todavia, que tudo o que pode

²¹POPPER, Karl. *Três concepções acerca do entendimento humano*. Tradução Pablo Rubén Mariconda e Paulo de Almeida. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Coleção Os Pensadores).p. 127-151.

fazer é elaborar conjecturas audazes, “suposições” sobre a realidade, que nunca saberemos, com absoluta certeza, se são verdadeiras ou não.

O físico, filósofo e historiador da ciência, Tomas S. Kuhn, em seu clássico *A Estrutura das Revoluções Científicas*, parece indicar que estas duas tendências estão sempre presentes na ciência: (I) tentar compreender e explicar o mundo tal como é e (II) elaborar uma “imagem” do mundo a partir da qual podemos entender os fatos observados. De acordo com Kuhn, sem (I), ninguém se pode dizer um cientista²². O físico-filósofo Max Planck tratou de tal problema. O que é uma representação científica do mundo? Uma construção livre do espírito? Ou uma representação fiel, ou melhor, uma descrição autêntica de uma realidade que existe independente de nós? Como realista, Planck defendeu que o objetivo de toda pesquisa científica é a “construção de um sistema descritivo do Universo”. Tal descrição deve ser estável, “independente das mutações que afetam as gerações e os povos”. A ciência, portanto, não pode ser uma coleção de múltiplas concepções particulares acerca do universo, mas a explicação da natureza do próprio universo, embora uma apreensão última não seja possível.

Poderíamos citar muitas concepções de ciência contrárias à posição de Planck. O próprio Planck defende que sua proposta é radicalmente oposta ao positivismo de Ernest Mach, de acordo com o qual não podemos falar de uma “realidade em si”, mas somente de nossas sensações. As ciências, portanto, se limitam em elaborar um sistema de proposições que descrevem logicamente nossas sensações. Outro físico-filósofo, o francês Pierre Duhem, sustentou, em *A Teoria Física: seu objeto e sua estrutura*, que a ciência não fornece uma

²² De acordo com Kuhn, a ciência se divide em “ciência ordinária” e “ciência extraordinária”. A ciência ordinária é aquela produzida no “interior” de um determinado paradigma – de uma cosmovisão científica. De caráter conservador, a ciência ordinária busca adequar os fatos observados, por meio de teorias, ao paradigma estabelecido. Pode ser que, para tanto, seja necessário fazer com que a natureza seja adequada ao paradigma, e não o contrário. Por vezes, surgem fatos anômalos, que instauram crises nos paradigmas, promovendo a necessidade de sua revisão. Nesses momentos, inicia-se a fase de ciência extraordinária, com profundas revisões filosóficas e epistemológicas dos paradigmas, dos pressupostos metafísicos dos mesmos e dos fundamentos da ciência em questão, culminando em revoluções científicas. Para saber mais: KUHN, T. S. *A estrutura das revoluções científicas*. Tradução Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. São Paulo: Perspectiva, 2001.

explicação da verdadeira realidade do mundo, mas concebe uma imagem econômica e classificatória deste²³.

Seria possível, mas contraproducente, permanecer destacando indefinidamente múltiplas concepções de ciência oferecidas nas mais diversas épocas da história do pensamento. Contudo, voltemos à nossa questão central: “É a Teologia uma Ciência?” Para responder a tal questão, assumimos como pressuposto que a teologia é o “estudo crítico, sistemático e rigoroso do divino” ou, ainda, a “investigação acerca de Deus”. Em relação à ciência, para avançarmos, deveremos ter a mesma atitude. Para os nossos propósitos, entendemos por ciência um “sistema metódico de investigação e explicação da realidade ordenada, que existe independente de nós”. Dessa forma, podemos responder afirmativamente à questão posta inicialmente, considerando que a teologia é uma ciência na medida em que busca compreender e explicar, de modo sistemático, metódico e rigoroso, o fundamento último da realidade, que é o objeto da ciência. A coerência de tal atitude depende que assumamos aquele pressuposto irredutível com o qual inauguramos nossos estudos: Deus é!

O conhecimento da existência de Deus, portanto, não seria o resultado da teologia, mas seu fundamento. Por isso, não chegamos à existência de Deus por dedução, indução, tampouco por abdução,²⁴ mas por assunção. Entretanto,

²³ DUHEM, Pierre. *A Teoria Física: Seu objeto e sua estrutura*. Tradução Rogério Soares da Costa. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014. p. 65.

²⁴ A dedução é uma operação formal de natureza exata, na qual a conclusão é dada de modo necessário a partir do cálculo das premissas em questão. Por exemplo: se Todo S é P e R é S, então podemos deduzir que R é P. A indução é o procedimento lógico a partir do qual, da observação das regularidades constantes em fatos particulares se formula uma lei ou princípio de caráter universal. Popper (1980, p. 3), ao criticar o “método” indutivo, lembra-nos de que geralmente concebe-se a operação indutiva como uma inferência que passa de enunciados singulares aos enunciados universais. POPPER, Karl. *A Lógica da Pesquisa Científica*. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Coleção Os Pensadores). p. 3. Já a abdução opera na elaboração de hipóteses explicativas para classes de fatos. Por exemplo. Temos um problema Y qualquer. Por hipótese, a melhor maneira de explicar Y é assumindo que X. Logo, se há Y, então há grande probabilidade que X. Charles Sanders Peirce (1989), em *Conferências sobre Pragmatismo*, afirma: “Abdução é o processo para formar hipóteses explicativas. [...] Dedução prova que algo deve ser; Indução mostra que algo atualmente é operatório; Abdução faz uma mera sugestão de que algo pode ser.” PEIRCE, Charles Sanders. *Escritos Coligidos*. São Paulo: Nova Cultural, 1989. (Coleção Os Pensadores). p. 14. Poderíamos defender que chegamos à hipótese da existência de Deus por abdução. Parece-nos que Newton (1990) procedeu dessa forma, no *Escólio Geral do Livro III, Do Sistema do Mundo, dos Princípios Matemáticos da Filosofia Natural*, ao defender que a ordem e a beleza que observamos no mundo poderiam proceder, somente, de um Deus Supremo. Ver: NEWTON, Isaac. *Principia: Princípios Matemáticos da Filosofia Natural*. Tradução Trieste Ricci. São Paulo: Nova Stella / EDUSP, 1990.

isso não torna a teologia menos científica ou crítica. A assunção da existência de Deus para o teólogo não seria muito diferente da assunção da existência da realidade objetiva de partículas elementares para o atomista. Ambos são pressupostos metafísicos, ou, na linguagem de Karl-Otto Apel, pressupostos transcendentais²⁵. É a partir do pressuposto da realidade objetiva de Deus, realidade fundamental que pode ser investigada, compreendida e comunicada, que a teologia pode constituir-se cientificamente. Mas será a teologia uma ciência dentre tantas? Ou, ao afirmarmos que teologia é ciência, temos de ter em mente, de modo claro, o que estamos entendendo por ciência?

Vimos que podemos pensar a teologia como ciência. No entanto, por seu objeto de estudo, trata-se de uma ciência especial e que reclama autonomia. A definição aristotélica, podemos estar certos, não satisfaz o escrutínio crítico de nossa era. Seria extremamente difícil, e muito pouco razoável, sustentar que a teologia, tal como a concebemos em nossos dias, é uma ciência teórica no sentido proposto por Aristóteles, sendo a física e a matemática as outras duas componentes de tal grupo. Ou reconhecemos que (I) a teologia possui seu espaço próprio enquanto ciência, ou que (II) a teologia é disciplina autônoma, que entre teologia e ciência pode haver relações, mas que teologia e ciência são áreas distintas, e que a teologia é um campo de estudos independente da ciência.

Parece-nos mais razoável defender a autonomia e a especificidade da teologia como campo de estudos específicos enquanto esforço intelectual em investigar criticamente o objeto supremo da fé religiosa: o divino enquanto tal, o sagrado. Sendo assim, até podemos defender que a teologia seja uma ciência, desde que entendamos ciência em uma conotação suficientemente ampla, para não incorrerem no equívoco de pensar que teologia é ciência no mesmo sentido que a física, a química, a biologia ou a astronomia. Tais áreas participam do esforço por compreender o mundo físico por meio de abordagens teóricas e experimentais. Já a teologia não possui o mundo físico, os fenômenos naturais como os seus principais objetos de estudo, embora não os

²⁵ Os termos “pressupostos transcendentais” e “pressupostos metafísicos”, tal como são utilizados aqui, possuem o mesmo significado. O termo transcendental, portanto, não possui sentido kantiano. Transcendental, então, é aquilo que se encontra além do que podemos provar empírica e teoricamente. Logo, é algo que deve ser assumido *a priori*, um pressuposto, um fundamento.

ignore ou os tenha em vista secundariamente. Tampouco, podemos dizer que, por exemplo, física e teologia compartilham métodos, práticas e procedimentos.

Seja como for, a teologia dialoga com as ciências. Teorias científicas podem influir em teologias, e o contrário é igualmente verdadeiro. Qual a natureza desse diálogo? Como teologia e ciência se relacionam? A relação entre teologia e ciência nos parece a expressão e o desdobramento de uma relação ainda mais fundamental: entre Religião e Ciência.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Coleção Os Pensadores).

ARISTÓTELES. *Metafísica*. *Cad. Hist. Fil. Ci.*, Campinas, Série 3, v. 15, n. 1, p. 201-221, jan./jun. 2005.

BÖTTIGHEIMER, Christoph. *Manual de Teologia Fundamental: A racionalidade da questão de Deus e da revelação*. Tradução Markus A. Hediger. Petrópolis: Vozes, 2014.

COSTA. O Daimon de Sócrates: conselho divino ou reflexão? *Cadernos de Atas da ANPOF*, n. 1, 2001.

DUHEM, Pierre. *A Teoria Física: Seu objeto e sua estrutura*. Tradução Rogério Soares da Costa. Rio de Janeiro: Eduerj, 2014.

FLOREZ I., Jaime. A Teologia como Logos hermenêuticos do Theos: Aproximação desde suas regras epistemológicas. *Theol. Xave.*, Bogotá, v.58, n.165, jan./jun. 2008. Disponível

em:<http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-36492008000100006>. Acesso em: 25 jun. 2014.

HADOT, Pierre. *O Véu de Ísis: Ensaio sobre a história da ideia de natureza*. São Paulo: Loyola, 2006.

KENNY, Anthony. *História Concisa da Filosofia Ocidental*. Tradução Desidério Murcho, Fernando Martinho, Maria José Figueiredo, Pedro Santos e Rui Cabral. *Temas e Debates*, 1999. Disponível em:<http://criticanarede.com/log_fundacao.html>. Acesso em: 3 jul. 2014.

KUHN, T. S. *A estrutura das revoluções científicas*. Tradução Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. São Paulo: Perspectiva, 2001.

LIBÂNIO, João Batista. O lugar da Teologia na sociedade e na universidade do século XXI. In: NEUTZLING, Inácio (Org.). *A Teologia na universidade contemporânea*. São Leopoldo: Ed. da Unisinos, 2004. p. 13-44.

NEUTZLING, Inácio (Org.). *A Teologia na universidade contemporânea*. São Leopoldo: Ed. da Unisinos, 2004.

NEWTON, Isaac. *Principia: Princípios Matemáticos da Filosofia Natural*. Tradução Trieste Ricci. São Paulo: Nova Stella; EDUSP, 1990.

PASSOS, João Décio; SOARES, Afonso Maria Ligorio (Org.). *Teologia e Ciência: Diálogos acadêmicos em busca do saber*. São Paulo: Educ; Paulinas, 2008.

PEIRCE, Charles Sanders. *Escritos Coligidos*. São Paulo: Nova Cultural, 1989. (Coleção Os Pensadores).

PLANCK, Max. *Autobiografia científica e outros ensaios*. Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

PLATÃO. *A República*. 10. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.

POPPER, Karl. *A Lógica da Pesquisa Científica*. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Coleção Os Pensadores).

REALE, G. *História da Filosofia Antiga*. Tradução Henrique Cláudio de Lima Vaz e Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 1995. v. 5.

RUSSEL, Bertrand. *História da Filosofia Ocidental*. Tradução Breno Silveira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968.



FICHA CATALOGRÁFICA

SILVA, Vinícius Carvalho da. *Teologia e Ciência*. São Paulo: Fundação Mokiti Okada, 2014. 108pp.

ISBN 978-85-8355-045-7